

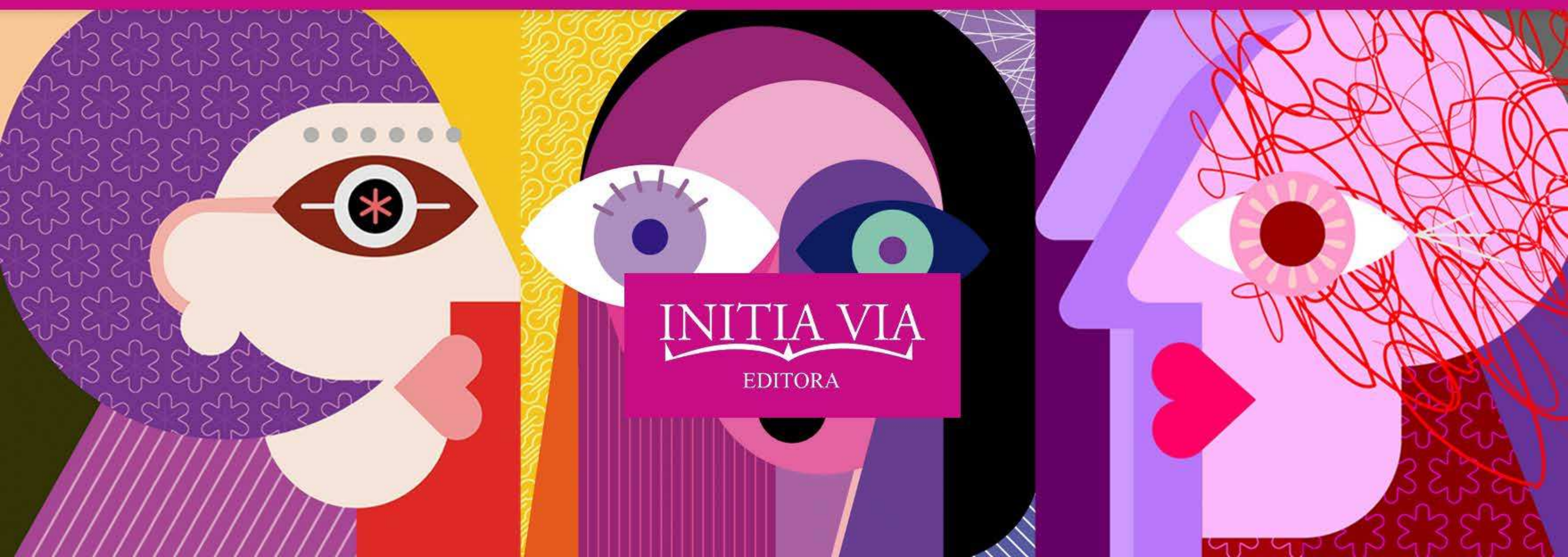


Anais do III Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero | Volume 1

CORPOREIDADES SAÚDE & EDUCAÇÃO

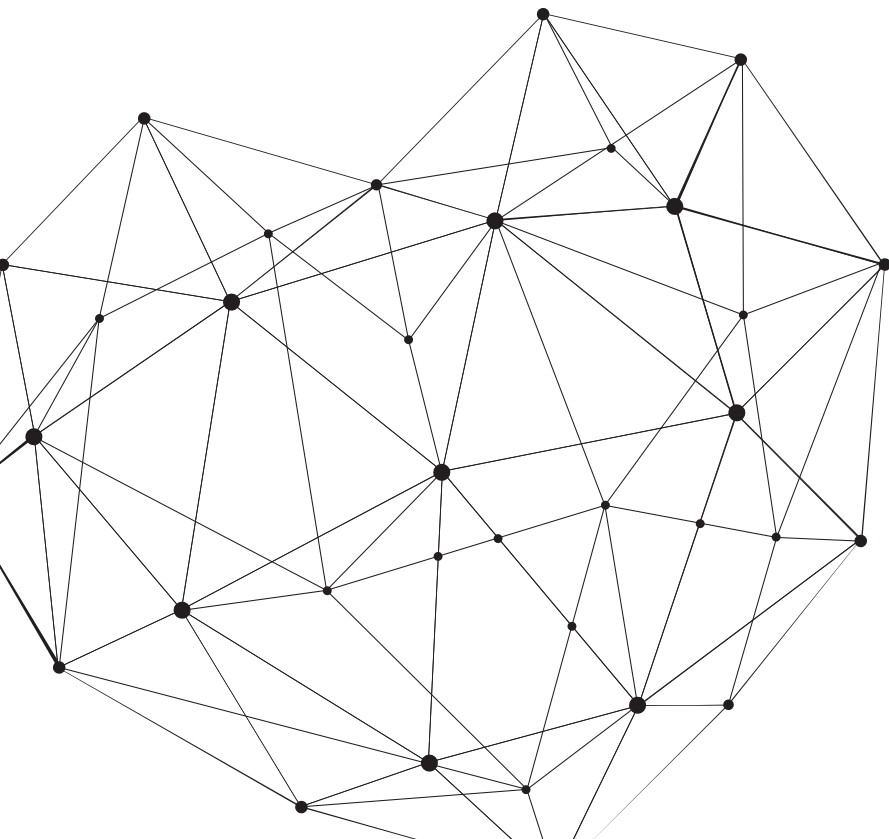
A(S) DISSIDÊNCIA(S) COMO FATOR NAS
(TRANS)FORMAÇÕES DE SUBJETIVIDADES

ORGANIZAÇÃO
RAINER BOMFIM ALEXANDRE BAHIA RAFAEL AGUIAR



INITIA VIA
EDITORA

**ANAIIS DO III CONGRESSO DE
DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO
VOLUME 1**



Corporeidades, saúde e educação:

a(s) dissidência(s) como fator nas (trans)formações de subjetividades

Organização: Rainer Bomfim, Alexandre Melo Franco de Moraes Bahia e Rafael dos Reis Aguiar – 1ª edição – 2019 – Initia Via

Copyright © [2019] Initia Via Editora Ltda.

Rua dos Timbiras, no 2250 – 1º andar – Bairro Lourdes

Belo Horizonte, MG, Brasil, 30140-0619

www.initiavia.com

Editora-Chefe: Isolda Lins Ribeiro

Revisão: organizadores e autores

Projeto gráfico: Lívia Furtado

Diagramação e arte da capa: Isabella Ramaciotti

Imagens da capa: Six Faces by Danjazzia – Adobe Stock (238362382, 249079254, 248976967, 238252021, 238418325 e 238013545)

Ilustração do miolo: Designed by Smithytomy – Freepik.com

CC BY-NC-SA 4.0. Esta obra foi licenciada sob a “Atribuição Creative Commons Não-Comercial - Compartilhamento Igual - 4.0 Internacional”. É possível compartilhá-la gratuitamente para fins não comerciais, atribuindo o devido crédito e sob a mesma licença.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C759

Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero (3 : 2018 : Ouro Preto - MG)

[Anais do] III Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero [recurso eletrônico] corporeidades, saúde e educação : a(s) dissidência(s) como fator nas (trans)formações de subjetividades, volume I / organização Rainer Bomfim, Alexandre Melo Franco de Moraes Bahia, Rafael dos Reis Aguiar. - 1. ed. - Belo Horizonte [MG] : Initia Via, 2019.

321p; pdf.

ISBN 978-85-9547-066-8 (recurso eletrônico)

ISBN 978-85-9547-065-1 (coleção)

1. Identidade de gênero - Brasil - Congressos. 2. Minorias sexuais - Saúde e higiene - Política governamental - Brasil - Congressos. 3. Livros eletrônicos. I. Bomfim, Rainer. II. Bahia, Alexandre Melo Franco de Moraes. III. Aguiar, Rafael dos Reis.

19-60827

CDU: 305.3

CDU: 305-055.3

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

17/10/2019 23/10/2019

**CORPOREIDADES,
SAÚDE E EDUCAÇÃO:
A(S) DISSIDÊNCIA(S) COMO
FATOR NAS (TRANS)FORMAÇÕES
DE SUBJETIVIDADES**

*ANAIS DO III CONGRESSO DE
DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO
VOLUME 1*

ORGANIZAÇÃO
RAINER BOMFIM
ALEXANDRE MELO FRANCO DE MORAIS BAHIA
RAFAEL DOS REIS AGUIAR

INITIA VIA

EDITORA

BELO HORIZONTE
2019

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandre Gustavo Melo Franco de Moraes Bahia

Fabio Queiroz Pereira

Flávia Souza Máximo Pereira

José Luiz Bolzan de Moraes

Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira

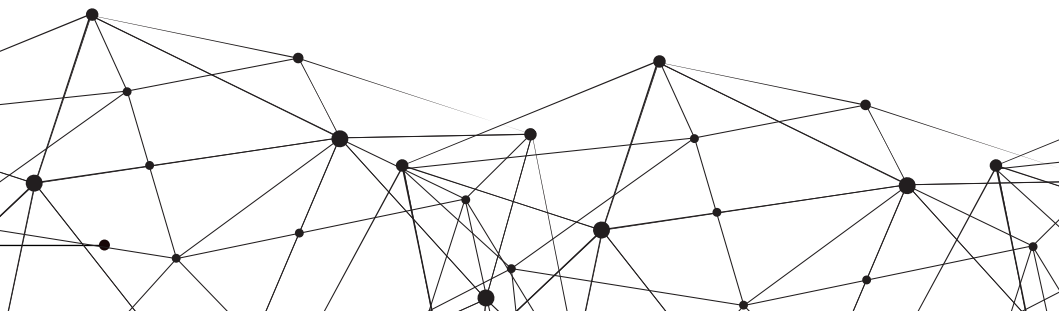
Marcelo Maciel Ramos

Margareth Diniz

Natália de Souza Lisbôa

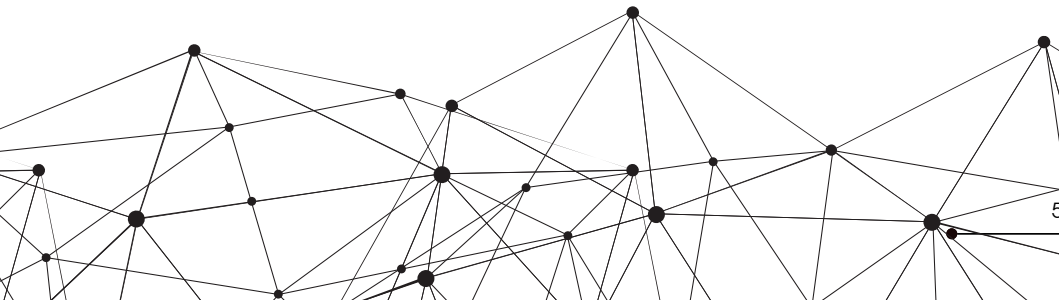
Pedro Augusto Gravatá Nicoli

Tayara Talita Lemos



COMISSÃO AVALIADORA

Adilson José Moreira
Alexandre Gustavo Melo Franco de Moraes Bahia
Camila Silva Nicácio
Érica Renata de Souza
Fabio Queiroz Pereira
Flávia Souza Máximo Pereira
Flaviane de Magalhães Barros Bolzan de Moraes
Felipe Quintella Machado de Carvalho
Iara Antunes de Souza
Lisandra Espíndula Moreira
Maíra Neiva Gomes
Marcelo Maciel Ramos
Margareth Diniz
Natália de Souza Lisbôa
Pedro Augusto Gravatá Nicoli
Regina Stela Corrêa Vieira
Tayara Talita Lemos



SUMÁRIO

PARTE I SAÚDE & CORPOS DISSIDENTES

CAPÍTULO 1

ABJEÇÃO DE CORPOS E IDENTIDADES LGBTQ+ NO SISTEMA DE SAÚDE BRASILEIRO

UMA CONSTRUÇÃO HETERO-CIS-NORMATIVA

Miguel Antônio da Fonseca Orlando

Fernando Gontijo Resende Souza

Carlos Augusto Alves de Sousa Júnior

16

CAPÍTULO 2

A SAÚDE LGBT DENTRO DO ARMÁRIO?

UM PERCURSO ANALÍTICO

Marco José de Oliveira Duarte

Esther Guedes da Silva Oliveira

Jefferson Claudio Nascimento Silva

28

CAPÍTULO 3

A (IM)POSSIBILIDADE DE OBJEÇÃO DE CONSCIÊNCIA DOS MÉDICOS NA UTILIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA EM PESSOAS EM RELACIONAMENTO HOMOAFETIVO OU SOLTEIRAS:

UMA PERSPECTIVA CONSTITUCIONAL DA TEORIA

RAWLSIANA DE JUSTIÇA COMO EQUIDADE

Iara Antunes de Souza

Priscilla Jordanne Silva Oliveira

Rafaela Fernandes Leite

41

PARTE 2 GÊNERO & EDUCAÇÃO: DIVERSIDADES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

CAPÍTULO 4

NARRATIVAS AUDIOVISUAIS

PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE O GÊNERO NA DOCÊNCIA

Isabela Pereira Vique

Júlio Cezar Pereira Araújo

Maíra Mello

61

CAPÍTULO 5 AFETAR COM AFETO RELATOS DE UMA "BRINCADEIRA" QUE ESTÁ DANDO CERTO João Luiz Batista Meneghini Tamiris Afonso de Oliveira	72
CAPÍTULO 6 GÊNERO NO CURRÍCULO DA FESTA JUNINA CORPOS BAILANDO NOS POSSÍVEIS DO MUSICAR Camila Amorim Campos Patrícia Souza Braga	82
CAPÍTULO 7 GÊNERO E EDUCAÇÃO NA ESCUTA DOS ADOLESCENTES, UM APRENDIZADO José Heleno Ferreira Michele Mariano Rodrigues Nilmar José da Silva	98
CAPÍTULO 8 GÊNERO E ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR O PAPEL DA EDUCAÇÃO POPULAR EM DIREITOS HUMANOS Júlia Rodrigues Menezes Paula Laise Silva da Luz André Freire Azevedo	106
CAPÍTULO 9 A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO FEMINISTA ESTUDO DO PROJETO "SOU MINHA" Cibele Bitencourt Silva	119
CAPÍTULO 10 FAMÍLIAS, UMA ABORDAGEM SEMPRE NO PLURAL OU SOBRE A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DE FAMÍLIAS NOS CURRÍCULOS Glauber Lucas Ceara Silva Rita de Cássia Santos Freitas	132

CAPÍTULO 11

TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA-GESTORA

REFLEXÕES DE MARIA CARMEM

Marcella Barbosa Miranda Teixeira

Fernanda Tarabal Lopes

Admardo Bonifácio Gomes Júnior

144

CAPÍTULO 12

A ESCOLA E @S FILH@S LGBTI+

REFLEXÕES SOBRE OS NOVOS ARRANJOS PARENTAIS
NO BRASIL

Geraldo Lucas Lopes Ferreira

Kênia Guimarães Rodrigues Magalhães

163

CAPÍTULO 13

GÊNERO E SEXUALIDADE

CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO E ÉTICA NO COLÉGIO
ESTADUAL ANA VANDA BASSARA

Ana Lúcia Ribeiro da Rosa

182

PARTE 3

**VIOLÊNCIAS DIFUSAS &
RESISTÊNCIAS PLURAIS**

CAPÍTULO 14

**A POTÊNCIA DOS LAMBES E SEU PAPEL NA INTERVENÇÃO
CONTRA O ASSÉDIO EM MARIANA-MG**

Débora Madeira dos Santos

Tamires Ferreira Coêlho

197

CAPÍTULO 15

**JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO, MEMÓRIAS COLETIVAS E
LUTAS LGBTTIQ+**

A IMPORTÂNCIA DE FIRMAR AS VÍTIMAS DA
HOMOLESBOTRANSFOBIA DA DITADURA CIVIL-MILITAR
NA TRANSITOLOGIA BRASILEIRA

Vinícius Antônio Toscano Simões Nabak

Amanda Maria Martins

212

CAPÍTULO 16

**MECANISMOS DE SEGREGAÇÃO
DA MULHER NA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO**

Graciela de Andrade Boschetti

Raquel Quirino

228

CAPÍTULO 17 MOBILIDADE E DEFICIÊNCIA CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO URBANO Frederico Bernis Lucas Lafeté L. Pereira Luciana Drumond	242
CAPÍTULO 18 QUEBRANDO O “TETO DE VIDRO” GÊNERO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA UNESCO-L'ORÉAL “PARA MULHERES NA CIÊNCIA” DE 2008 A 2015 Giovanna Fidelis Chispiano Demétrio Gaspari Cirne de Toledo	260
CAPÍTULO 19 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DE GÊNERO NO CURSO DE ENGENHARIA MECÂNICA DE UM CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA Bruna Gonçalves Raquel Quirino	278
CAPÍTULO 20 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SUJEIT()S DISSENTES PROPOSTA DE (RE)FORMULAÇÃO DAS ATIVIDADES DO NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS-UFOP A PARTIR DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO Rainer Bomfim Jessica de Paula Bueno Silva Alexandre Gustavo Melo Franco de Moraes Bahia	294
CAPÍTULO 21 RELAÇÕES DE GÊNERO, PODER E VIOLÊNCIA AS PERCEPÇÕES DE MULHERES DO ASSENTAMENTO SANTA MÔNICA EM DOURADOS-MS ATRAVÉS DO FILME “ACORDA RAIMUNDO, ACORDA!” Manuela Nicodemos Bailosa	307

CAPÍTULO 19

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DE GÊNERO NO CURSO DE ENGENHARIA MECÂNICA DE UM CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Bruna Gonçalves¹

Raquel Quirino²

Resumo: A divisão sexual do trabalho é a teoria que permite compreender os caminhos profissionais femininos marcadamente diferentes dos traçados pelos homens. Ainda que com números tímidos, as mulheres vêm adentrando em áreas que se configuraram como redutos masculinos. A literatura aponta dificuldades para que elas entrem e permaneçam nessas áreas e esta pesquisa tem a compreensão de que as causas disso estão dialeticamente postas no campo material e no universo simbólico. Este trabalho dialoga com o pressuposto de que a violência simbólica de gênero se faz presente no meio universitário, sendo traduzida em falas e atitudes de preconceito e discriminação. Objetivando desvelar como ela acontece no curso de Engenharia Mecânica de um Centro Federal de Educação Tecnológica, a pesquisa tem as graduandas desses cursos como sujeitos entrevistados.

Palavras-chave: Divisão Sexual do Trabalho; Violência Simbólica de Gênero; Mulheres na Engenharia.

Resumen: La división sexual del trabajo es la teoría que permite compren-

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Email: brunadogoncalves@gmail.com

² Professora Doutora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Email: quirinoraquel@hotmail.com

der los caminos profesionales femeninos marcadamente diferentes de los trazados por los hombres. Aunque con números tímidos, las mujeres vienen adentrando en áreas que se configuraron como espacios masculinos. La literatura apunta a dificultades para que ellas entren y permanezcan en esas áreas y esta investigación tiene la comprensión de que las causas de ello están dialécticamente colocadas en el campo material y en el universo simbólico. Este trabajo dialoga con el supuesto de que la violencia simbólica de género se hace presente en el medio universitario, siendo traducida en palabras y actitudes de prejuicio y discriminación. Con el objetivo de desvelar cómo sucede en el curso de Ingeniería Mecánica de un Centro Federal de Educación Tecnológica, la investigación tiene las graduandas de esos cursos como sujetos entrevistados.

Palabras-clave: División Sexual del Trabajo; Violencia Simbólica de Género; Mujeres en la ingeniería.

1. Introdução

De acordo os dados do IBGE (BRASIL, 2014, p. 119), o salário das mulheres não se iguala ao dos homens em nenhuma das consideradas “áreas gerais”. Para o Instituto, a desigualdade de rendimentos é resultado, em grande medida, de uma inserção diferenciada por sexo no mercado de trabalho. Tais dados são corroborados pela Fundação Carlos Chagas (2007), atestando que, apesar da relação de que quanto maior a escolaridade, maiores são as possibilidades de rendimentos ser válida para ambos os sexos, isso se aplica mais aos homens do que às mulheres. Para o IPEA (2012), ainda que a mulher tenha uma renda superior e seja considerada responsável pelo domicílio, ela sempre despende mais tempo com afazeres domésticos do que os homens nas mesmas posições. Além disso, quando o número de horas gasto com atividades domésticas das mulheres ocupadas é comparado ao dos homens desocupados, elas despendem quase 10 horas a mais que eles, ainda que estejam sem ocupação (IPEA, 2012, p. 8).

Quando analisados sob as perspectivas dos estudos de Olinto (2011) e de Hirata e Kérgoat (2007) os dados apresentados corroboram as teorias da segregação horizontal e da segregação vertical e a dos dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho, respectivamente. O primeiro princípio organizador - o princípio da separação (Hirata e Kérgoat, 2007) - anuncia que existem trabalhos de homens e trabalho de mulheres, assim como a segregação horizontal (Olinto, 2011) evidencia que a escolha

profissional das mulheres é marcadamente diferente das dos homens. Em sua grande maioria, conforme os dados apresentados, as escolhas profissionais das mulheres são para áreas e profissões hegemonicamente femininas, nas quais prevalecem a prestação de serviços, a organização, a limpeza, como um prolongamento das tarefas domésticas. Já o segundo princípio - o da hierarquia (Hirata e Kérgeat, 2007) -, aquele no qual as atividades desenvolvidas por homens têm valor social e econômico superior às exercidas pelas mulheres, pode ser associado à segregação vertical (Olinto, 2011) e a metáfora do teto de vidro (Lima, 2013), denotando uma dificuldade maior para as mulheres ascenderem profissionalmente. Ressaltam-se também as inúmeras dificuldades enfrentadas pelas mulheres para se inserirem e se manterem no mercado de trabalho, sobretudo em áreas consideradas masculinas, o que Lima (2013) caracteriza como um labirinto de cristal.

No entanto, Olinto (2011) anuncia as indubitáveis conquistas auferidas pelas mulheres na educação e no trabalho, assim como sua crescente participação nas carreiras de ciência e tecnologia, denotando que elas estão rompendo estereótipos, enfrentando os preconceitos e discriminações e fazendo sua própria história. Entretanto, apesar dos avanços, as crenças, valores e atitudes socialmente estabelecidos formam estereótipos sobre habilidades diferenciadas por sexo e influenciam as escolhas que as mulheres fazem.

Destarte, esse estudo dialoga com a ideia de que, ainda que as “mulheres transgressoras do *status quo*” (Quirino, 2011) ocupem áreas de conhecimento e de atuação destinadas historicamente aos homens, os princípios da divisão sexual do trabalho propostos por Hirata e Kérgeat (2007) ainda prevalecem na sociedade contemporânea. Assim, mesmo quando escolhem a formação em áreas da Ciência e Tecnologia evidenciam-se sexismo, preconceitos, segregações, desvalorização do trabalho feminino e a criação de guetos femininos nas engenharias, com a criação de “sub-funções” destinadas às mulheres quando na profissão de engenheira. Tudo isso, associado às horas destinadas ao trabalho doméstico, se constituem em dificultadores para a sua permanência e ascensão na carreira escolhida. Se isso não se dá de forma explícita, é no universo simbólico que eles são desvelados em atitudes de silenciamentos e violência simbólica, como evidenciados em pesquisas realizadas por Casagrande e Lima (2015), Lopes (2016) e Leão (2017), dentre outras.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de Mestrado em Educação Tecnológica e investiga, na perspectiva das alunas, do curso de Engenharia Mecânica de um Centro Federal de Educação Tecnológica,

como se dá a violência simbólica de gênero.

2. Breves considerações sobre a divisão sexual do trabalho e a violência simbólica de gênero

A divisão sexual do trabalho é uma importante categoria para compreensão das práticas sociais permeadas pelas relações de gênero a partir de uma base material (Quirino, 2016; Kergoat, 2009). É a teoria que permite compreender os caminhos profissionais femininos marcadamente diferentes dos traçados pelos homens e, além disso, também como um princípio organizador, explica que a valorização do trabalho executado pela mulher é diferente daquele feito pelo sujeito masculino.

Dessa forma, a divisão sexual do trabalho é base das assimetrias e hierarquias entre o trabalho executado por homem e o trabalho executado pela mulher, não sendo apenas uma diferença de trabalho realizado segundo o sexo (Cisne, 2014; Kergoat, 2009). Ainda que com números ainda baixos em relação aos homens, as mulheres vêm mudando o *status quo* e adentrando em áreas que se configuraram como redutos masculinos, como é o caso das áreas de Ciências e Tecnologia (C&T). Destarte, fica confirmado, portanto, ser uma falácia a inaptidão delas para a atividade científica (Tabak, 2015).

No entanto, a literatura tem apontado dificuldades para que as mulheres entrem e permaneçam nessas áreas e esta pesquisa tem a compreensão de que as causas disso estão dialeticamente postas no campo material e no universo simbólico, no qual estão as crenças, os hábitos, e as instituições. Bourdieu (1999) confirma que as instituições exercem um trabalho de eternização, sendo preciso questionar quais os mecanismos históricos são responsáveis pela des-historização e pela eternização das estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão dela decorrentes. O teórico diz, ainda, que a diferença biológica se torna a justificativa natural da diferença construída entre os gêneros, e isso se manifesta na divisão do trabalho. Saffioti (1987) também dialoga com esse pressuposto dizendo que as identidades de homens e mulheres são construídas socialmente que atribui papéis distintos para as diferentes categorias de sexo. A autora diz que a naturalização desses processos socioculturais é a forma mais fácil de legitimar a “superioridade” masculina.

Há uma inflexão acentuada entre masculinidade e violência, sendo que a segunda expressão é vista como pertencente à primeira (Gomes, 2008). Uma das formas em que a violência acontece é a que se manifesta

“suave, insensível às próprias vítimas” (Bourdieu, 1999). Apesar de resistirem ao domínio masculino desde a sua implantação (Saffioti, 2011), Bourdieu (1999) diz que a adesão feminina à dominação dos homens está longe de ser um ato intelectual, consciente, livre, deliberado de um sujeito “isolado”. É necessário, ainda de acordo com o sociólogo, considerar que as estruturas de dominação são produto de um trabalho incessante de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos: homens, com suas armas como a violência física e simbólica, e instituições, como famílias, Igreja, Escola, Estado.

Sendo o foco deste trabalho a violência simbólica de gênero, este trabalho dialoga com a ideia de que a violência simbólica de gênero se faz presente no meio universitário, sendo traduzida em falas e atitudes de preconceito e discriminação quando estudantes optam por cursos que tradicionalmente são de outro sexo (Casagrande e Lima e Souza, 2015).

3. A pesquisa empírica

Cinco alunas do curso de Engenharia Mecânica de um Centro Federal de Educação Tecnológica foram selecionadas por acessibilidade, numa análise não probabilística. Entre Julho e Agosto de 2018 foram realizadas entrevistas semiestruturadas nas dependências da Instituição, em dias e horários previamente acordados entre estudantes e pesquisadora. As entrevistas aconteceram em dias distintos, sendo que conversas foram gravadas e, com o consentimento livre e esclarecido das alunas, além da assinatura do trecho de liberação de voz, foram transcritas na íntegra. Os nomes reais foram substituídos por códigos alfanuméricos, sendo o perfil de cada uma delas a seguir detalhados.

A1 possui 21 anos, está quinto período irregular (de acordo com o ano de ingresso, estaria no sexto). Tem um irmão biológico e “três emprestados”, sendo todos Engenheiros de Aeronave pelo ITA. A mãe de A1 é técnica em Mecânica, e o pai biológico e de criação Engenheiros Mecânicos. Participa do projeto de extensão Fórmula CEFAST junto do namorado, que também é aluno da Engenharia Mecânica da instituição. Escolheu o curso “por eliminação e um pouco de afinidade”. Quereria Engenharia “pelo estilo da profissão”, além da influência familiar.

B1, por sua vez, tem 23 anos, está no 7º período irregular (de acordo com o ano de ingresso, estaria no oitavo). Participa também do projeto de extensão Fórmula desde que entrou no curso, representando, no final de 2017, o grupo junto a alguns colegas na competição internacional

realizada nos EUA. Tem um irmão menor de idade e ninguém da família é Engenheiro. O pai trabalha com serviço imobiliário e a mãe não trabalha fora de casa. Diz que a Engenharia era a sua primeira opção de curso, no entanto, inicialmente vislumbrava cursar a de Petróleo. Em função da dificuldade de mudar para cursar a graduação de Engenharia de Petróleo, optou pela Mecânica. Diz que sua escolha não sofreu influência, foi seguindo a ideia de que era boa em exatas, e, na física, gostava da parte de Mecânica.

C1 faz matérias do 6º, 7º e 8º períodos e tem 21 anos. Seus pais trabalham com Comércio Exterior e é filha única. Também participa da Fórmula CEFAST. Relata segurança desde o princípio na escolha pela Engenharia, no entanto, optou pela Mecânica, ainda que de forma insegura, por considera-la uma área ampla.

D1 está regularmente matriculada no 8º período e está com 21 anos. Seus pais não trabalham na área, e possui duas irmãs: uma que é advogada e outra graduada em Engenharia Civil e Arquitetura. Também participa da Fórmula. Escolheu a Engenharia pela afinidade com as ciências exatas e decidiu pela Mecânica por também considerar que a área é muito ampla, “adiando, assim, a escolha final”. Não reprovou em nenhuma matéria do curso.

E1 tem 20 anos e é aluna regularmente matriculada no 6º período. Ninguém da família é Engenheiro (a) e tem um irmão de 9 anos. E1 relata que tinha igual interesse em Mecânica e de Produção, então, conversando com amigos engenheiros de ambas as áreas, constatou que deveria fazer Engenharia Mecânica, ainda que fosse, futuramente, trabalhar com produção. Segundo E1, seus amigos esclareceram que “na engenharia mecânica, a gama de oportunidades é maior”. Diz que pretende concluir o curso e se for fazer algo ligado à produção, seria uma pós, no entanto demonstra não estar convicta dessa preferência. Teve uma reprovação em Programação 2, mas no período seguinte já voltou a ficar regular.

4. A violência simbólica de gênero no curso de engenharia mecânica de um Centro Federal de Educação Tecnológica

Adota-se, neste trabalho, o conceito de violência simbólica cunhado por Bourdieu (1999, p. 7), sendo uma forma de violência “insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última

instância, do sentimento”.

Sendo “doce e quase sempre invisível”, Bourdieu diz sobre a submissão encantada, ou seja, diz que essa construção que recai sobre o dominado está “longe de ser um ato intelectual, consciente, livre, deliberado de um sujeito isolado”. Ela é, para o autor, “resultante de um poder, inscrito duradouramente no corpo dos dominados sob esquemas de percepção e de disposições (a admirar, respeitar, amar etc.) que o tornam sensível a certas manifestações simbólicas de poder” (BOURDIEU, 1999, p. 53).

Para dizer da construção dos gêneros, Bourdieu diz de um “longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social” que, junto das aparências e dos efeitos desse trabalho, são conjugados de forma que se inverta a relação entre as causas e os efeitos e faz “ver uma construção social naturalizada”. Para o autor, isso seria o “fundamento in natura da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também na representação da realidade” (BOURDIEU, 1999, p. 10). Essa divisão entre os sexos “parece estar na ordem das coisas, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável” (BOURDIEU, 1999, p. 19).

“A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservadas às mulheres [...] (BOURDIEU, 1999, p. 18)

O autor diz, então, que a visão androcêntrica é a que se impõe como neutra, dessa forma, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação” (BOURDIEU, 1999, p. 18). É a diferença entre os sexos, especificamente o autor diz da diferença anatômica dos órgãos sexuais, que é a justificativa “natural da diferença socialmente construída entre os sexos” (BOURDIEU, 1999, p. 20).

Encontrando condições de seu pleno exercício, a dominação masculina ocorre em função da primazia universalmente concedida aos homens. “A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física” (BOURDIEU, 1999, p. 53). Como o fundamento da violência simbólica

reside “não em consciências mitificadas que bastaria esclarecer e sim nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem”, para que isso seja perpetuado ou transformado, o autor diz da necessidade de perpetuação ou transformação “das estruturas que tais disposições são resultantes”. Assim, enquanto que as mulheres são “submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio”, Bourdieu (1999, p. 63) tem o entendimento de que “os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante”. O sociólogo afirma que esse privilégio masculino é também uma cilada, sendo ao homem imputado o dever de em toda e qualquer circunstância afirmar sua virilidade.

Dizendo de três instituições que objetivamente orquestradas garantem o trabalho de reprodução, agindo sobre as estruturas inconscientes (Família, Igreja, Escola), confirma que a última, mesmo liberta da tutela da igreja, permanece transmitindo os pressupostos da representação patriarcal, contribuindo para traçar destinos sociais e a intimidade das imagens de si mesmo.

“De fato é toda cultura acadêmica, veiculada pela instituição escolar, que, em suas variáveis tanto literárias ou filosóficas quanto médicas ou juristas, nunca deixou de encaminhar, até época recente, modos de pensar e modelos arcaicos (tendo, por exemplo, o peso da tradição aristotélica que faz do homem o princípio ativo e da mulher o elemento passivo) e um discurso oficial sobre o segundo sexo, para o qual colaboram teólogos, legistas, médicos e moralistas [...] (BOUDIEU, 1999, p. 104)

As alunas entrevistadas negam que elas sejam alvo de preconceito na instituição de ensino, no entanto, entendeu-se, neste trabalho, que a teoria trazida por Bourdieu (1999) justifica claramente a postura das estudantes frente aos próprios relatos. Quando perguntadas diretamente sobre a questão, quase sempre dizem que não são vítimas de comentários discriminatórios ou constrangedores, no entanto, quando discorrem sobre outras questões, relatam casos célebres.

O primeiro a ser discutido é o comentário da estudante E1 quando foi pedido que ela aconselhasse uma menina que queira entrar no curso de Engenharia Mecânica da instituição a qual E1 está matriculada. A resposta da estudante está ao encontro da pesquisa de Casagrande e Lima (2015),

que, ao investigarem violência de gênero em duas universidades brasileiras, constataram que uma das formas que essa violência atinge meninas que optam por um curso reduto do sexo oposto é a da preocupação com a aparência física das estudantes. E1 diz que os meninos as enxergam como “machos”, já as autoras citadas falam dos comentários sobre “feiura”. Ambos os adjetivos convergem para uma mesma questão: rotular as meninas/moças/mulheres como feias pelo fato de terem escolhido um determinado curso é uma forma de agressão e que pode dificultar o interesse de algumas mulheres pelos cursos de engenharia, que são mais valorizados social e financeiramente (CASAGRANDE e LIMA, 2015, p. 88).

Primeiro que mulher não precisa ter medo de entrar na engenharia porque vai lidar só com homem. As vezes fica com esse receio, né, eu vou entrar lá, vai ter só homem e os homens vão ficar tudo me querendo. Isso não existe, é...não tem disso, os homens nem te querem quando você entra na engenharia, rs, os homens acham que você é macho talvez. Não existe isso não, rs, mas as vezes a mulher acha que vai entrar e ser a única da sala, que todo mundo vai dar em cima, que você não vai ter amigo de verdade, mas isso não existe (Fala da estudante E1)

Não é possível definir se esses comentários feitos pelos homens dizem respeito à aparência física ou personalidade, no entanto, indiferente do que se trata, é uma forma de agressão. Silenciosa, invisível e insidiosa.

Sobre as estudantes serem alvo de atitudes claramente discriminatórias, que as restringem enquanto alunas e futuras profissionais, destacam-se dois relatos. O primeiro é da estudante B1 acerca de uma oportunidade de estágio. Apesar de não ter acontecido dentro da instituição de ensino, considerou-se importante destacar o comentário nesta parte da escrita do trabalho pelo estágio ser uma atividade obrigatória do curso. Quando a aluna comentava sobre o princípio da separação, ou seja, se existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres, ela cita sua experiência no processo seletivo de uma empresa grande no seu ramo profissional, sendo aqui o nome substituído por “empresa z”.

Essa questão da vaga da “empresa z” desse processo seletivo... tinham 4 áreas que você poderia escolher trabalhar: tecnologia, aplicativo, essas coisas; uma de modernização de má-

quinas, uma de campo, que você vai no campo e uma outra que eu não lembro. Aí quando perguntaram qual área que eu queria trabalhar, eu queria na de campo. Aí a psicóloga falou assim: oh, eu posso te colocar nessa área, mas eu acho que eu não quero te colocar nessa área porque vai ser ruim pra você. É um tanto de peão que não vai querer te respeitar. Aí eu fiquei meio assim, sabe, eu queria fazer parte dessa área. Ela: oh, eu fico receosa de fazer isso pelo meio que eu sei que vou te colocar, que não vai ser respeitoso e agradável pra você.. os peões não vão te respeitar. (Fala da estudante B1)

Perguntou-se, então, se a oportunidade lhe fosse dada e, de fato, encontrasse um ambiente assim, como lidaria. A estudante demonstrou a estratégia de resistência que comumente recorre: eu acho que eu ia simplesmente ignorar, porque se você ficar batendo boca é pior né, porque são pessoas que você vai ter que trabalhar todos os dias, então eu acho que ia só ignorar e fazer o que tenho que fazer.

O segundo relato da mesma natureza é de C1 que quando questionada se para usinar é preciso realmente ter muita força, ela explica que é mais exaustivo do que pesado, uma vez que é preciso ter atenção e por ser perigoso, é adequado que alguém esteja junto. Ela relata, então, que apesar de saber dessa consideração e não gostar de fazer o serviço de usinagem sozinha, pediu para a pessoa responsável pelo laboratório fazer o trabalho e, como esperado, o funcionário negou alegando que não a conhecia. No entanto, quando um menino fez a mesma solicitação, a postura do servidor foi diferente, e isso a estudante consegue perceber.

Tanto que quando a gente pede pra usar lá embaixo, eles também não gostam que ninguém usine sozinho. Ah, lá embaixo eu já fui e não deixaram, no laboratório mesmo, eu já fui pedir pra usinar alguma coisa e ele falou “ah, não posso te deixar usinar porque eu não te conheço”. Aí foi um outro menino comigo que ele também não conhecia e ele deixou ele usinar, sabe. Mas foi só isso, tipo assim. (Fala da estudante C1)

Foi lhe questionado se entende que essa postura se deu pelo fato dela ser mulher, e, então, a estudante confirma acrescentando que depois dos dois, um menino e ela, descerem, e outro sujeito masculino pode ir ao laboratório desacompanhado: sim, com certeza, tipo acontece...se eu falar

assim, ele fala não, aí, tipo, depois eu desço com um menino e aí ele fala ah, pode. Aí ele fala “ah, é que cê tava sozinha e tal”, mas aí depois de mim um menino desceu sozinho e aí foi ok.

Outro ponto a ser pontuado é a violência sutil traduzida em desconforto que atinge as estudantes por estarem em um meio masculino por predominância e tradição. D1 diz que se sente, hoje, normal por estar num meio assim, mas que, para ela, no início, “foi assustador”. A1 que relata achar “normal”, conta que tem isso naturalizado por ter sido criada em uma casa com muitos homens, sendo uma das poucas netas num meio de quatorze. E então ela diz: eu sou vista como se fosse uma carne e tem um monte de abutre em volta, entendeu. [...] é nítido você tá num lugar que a maioria é homem você chegar e chamar atenção, mas tipo assim, eu percebo que eu chamo atenção em alguns lugares. Apesar de usar uma metáfora tão forte, quando perguntado se isso a incomoda, ela diz que não, “mas se for com piadinhas...”. Sobre piadinhas, apesar do comentário acima, ela nega que isso acontece no ambiente universitário no qual ela está vinculada.

A respeito do recurso das piadinhas, Lombardi se refere a elas como uma forma de “controle social” que permite “garantir a masculinidade das engenharias de um modo geral e de determinadas especialidades” (LOMBARDI, 2005, p. 170). D1 diz que não sente desconforto algum no curso, mas complementa falando das falas dos meninos “é mais piadinha tipo que eles fariam comigo, mas também fariam com qualquer outra pessoa que acontecesse na hora”. Pontua, mas relativiza. C1 tem a mesma postura: eu acho que na minha sala assim é bem tranquilo. Às vezes, mas é bem raro, um professor ou outro faz um comentário machista, mas geralmente os alunos nem dão muita bola, tipo, não ficam dando corda pra isso, sabe, eu acho que é bem tranquilo. Questionada sobre o tipo de comentário machista que se refere, diz: ah, agora eu não sei falar, mas já aconteceu, sabe. Não com alguma aluna específica, mas uma piadinha “ah, isso aqui mulher”, sabe, já aconteceu, mas não é uma coisa comum.

De igual forma, E1 fala sobre piadas dos professores que colocam a mulher numa situação de inferioridade: acho que já, de mulher já, mas assim, que foi brincadeira, que falou e depois falou que tá brincando e tal, que acha muito bom as mulheres estarem aqui. Mas não te falar, não lembro com quem, não lembro como, não sei. Apesar do relato, ela também relativiza a relevância disso, dizendo que encarou como brincadeira, até mesmo porque “pediram desculpas depois, não levaram pra frente”. Falando se isso a incomodou na ocasião, ela diz não se lembrar convictamente, mas relata que uma outra situação envolvendo A1 e um

professor que não compreendeu a incompatibilidade entre a agenda dele propondo visita técnica e a competição da Fórmula (o projeto de extensão ao qual as estudantes estão inscritas) e diz que isso a deixou muito mais chateada. “Porque a gente não vai deixar de ir na competição, então assim, me incomodou mais do que uma piada de mulher de brincadeira. E não foi por ela ser mulher que ele fez isso também não, foi só coincidência” (Fala da estudante E1). Mais uma vez, o que está em evidência é a minimização do impacto que esse tipo de fala tem para essas mulheres transgressoras do *status quo*. Entende-se que a postura das estudantes revela que elas mobilizam, na verdade, estratégias de resistência.

Lombardi disserta sobre a típica piadinha ouvida em cursos de engenharia por mulheres e explica o quanto situações assim são significativas.

Relembre-se aqui a mais clássica das piadinhas sobre as mulheres na engenharia, devidamente adaptada para as alunas de cada uma das escolas de engenharia: quando amenina nasce, Deus pergunta : “v. quer ser bonita ou quer ser engenheira?”. Essa piada atinge diretamente a feminilidade da mulher ao estabelecer um antagonismo entre a capacidade de atrair os homens associada à beleza e o exercício da profissão de engenheira. Em outros termos, reafirma a pretensa oposição entre os pólos corpo e mente, sensualidade e razão, sentimentos e intelecto, feminino e masculino. Trata-se de piada ou mexerico depreciativo utilizado pelo grupo masculino e disseminado socialmente, mais tradicionalmente estabelecido na engenharia para procurar atemorizar ou afastar o grupo minoritário das mulheres das escolas e do campo de trabalho profissional. (LOMBARDI, 2005, p. 167)

Por fim, o relato rico de B1. Perguntada se passou por alguma situação constrangedora na instituição de ensino, diz: acho que não, aqui não. Tem pessoa que é muito machista, mas acho que hora nenhuma influenciou nas minhas notas, no meu desempenho, sei lá, em qualquer coisa. Primeiramente, pontua-se: apesar de enxergar o machismo, não entende que isso é constrangedor e, mais além, diz que objetivamente isso não representou nada. Tudo é tão invisível para a estudante que mesmo passando pela situação a seguir descrita, nega que tenha passado por algum constrangimento dessa natureza. Como ela comentou a existência de pessoas machistas, pediu para que ela explorasse melhor essa afirmação,

e então discorre:

[...] teve uma época que tava tendo bolsa de intercâmbio aqui, e aí precisava de fazer uma carta de recomendação. Aí tinha uma lista que era tipo assim: estabilidade emocional, tinha que dar uma nota de 0 a 5. E como ele era coordenador do projeto e eu já convivia com ele há um tempo, pensei “ah, vou pedir ele pra fazer”. Aí foi eu e um amigo meu preencher esse mesmo papel com ele, aí ele virou e falou assim: ahh, preencheu o do menino lá. Estabilidade emocional: 5, por exemplo. Eu lembro desse quesito porque foi marcante. Aí no meu ele falou assim: estabilidade emocional...ah não, tem que ser uns 3 né, mulher não tem estabilidade emocional. Foi lá e colocou 3. Eu fiquei estabilizada, uns 5 minutos sem acreditar naquilo que eu tava vendo. Aí eu falei: meu Deus, não é possível, né. Esse foi um dos poucos momentos que eu vi assim realmente, né. Mas eu falei: graças a Deus ele tem pouquíssima influência dentro do projeto, né, porque se ele tivesse, nó, isso é péssimo, né. (Fala da estudante B1)

Observa-se que B1 foi alvo de uma associação entre “mulher” e “instável emocionalmente”, e isso é fruto tanto de um preconceito que acontece à medida que se aplica isso a todas as mulheres, ainda que desconhecidas; quanto de um trabalho de socialização que, aplicado às meninas, as tornam frágeis, inseguras e histéricas. No entanto, ainda se B1 possuísse esses adjetivos na vida pessoal, entende-se que a atitude do professor é claramente violenta simbolicamente por primeiramente não conhecê-la a esse nível e por potencialmente restringi-la de uma oportunidade profissional, cujos pré-requisitos dizem respeito a sua postura nesse âmbito da vida.

Casagrande e Lima (2015, p. 105), cujo alvo de seu estudo também é a violência simbólica apresenta uma reflexão que está de acordo com as entrevistas realizadas no Centro Federal de Educação Tecnológica para a presente dissertação:

Percebe-se que há a necessidade de se desenvolver ações para que tais situações sejam banidas do meio universitário para que todos e todas tenham condições de fazerem as escolhas de acordo com suas aptidões, anseios e vontades, e, principalmente, encontrem na universidade um ambiente no qual

tenham condições de permanência e crescimento igualitário. Todos e todas têm condições de fazer o curso que desejarem, desde que estejam disponíveis para eles e elas as mesmas condições de acesso e permanência

5. Considerações finais

A pesquisa, que objetiva desenvolver uma análise da violência simbólica de gênero no curso de Engenharia Mecânica de um Centro Federal de Educação Tecnológica na perspectiva das alunas, de forma a se compreender as motivações, as estratégias de resistência, os desafios e dificuldades enfrentados pelas mulheres para se manterem no curso escolhido, tem como grande enfoque a afirmação que apesar de serem alvo de violência simbólica, os sujeitos de pesquisa desenvolvem estratégias que as permitem resistir à hostilidade do meio em que estão. Dessa forma, entendeu-se, a partir do relato das estudantes do curso, que essas estratégias de resistências assumem várias facetas.

Outro ponto é que apesar das diversas conquistas das mulheres no mercado de trabalho e no mundo acadêmico, inclusive em áreas pouco usuais de atuação feminina, os princípios organizadores da divisão sexual permanecem inalterados. Evidenciam-se pequenos deslocamentos e atitudes de enfrentamento e rompimento com padrões socialmente estabelecidos, mas, via de regra, elas continuam a traçar caminhos profissionais marcadamente diferentes dos seguidos pelos homens. Mesmo quando transgridem *o status quo*, as dificuldades de permanência e ascensão na carreira escolhida evidenciam segregações, desvalorização do trabalho feminino e a criação de guetos em funções precarizadas e desqualificadas. Se isso não se dá de forma explícita é no universo simbólico que eles são desvelados em atitudes de silenciamentos e sexismo, como a literatura científica tem apontado.

Discutir as relações de gênero, tanto no universo educacional, quanto no trabalho, são imprescindíveis para a compreensão dos embates, deslocamentos e permanências existentes entre homens e mulheres na sociedade, que embora antigos, ainda permanecem em todas as sociedades conhecidas. O que se pode afirmar, portanto, com base na pesquisa como um todo, é que driblando inconvenientes, assumindo novas personalidades, se violentando, ignorando comentários, desenvolvendo mecanismos de conciliar a vida pessoal com o trabalho produtivo, as

mulheres estão protagonizando a própria luta e fazendo a dialética do que está posto com a antítese que suas vidas representam. Espera-se uma síntese que esteja em direção a um mundo de equidade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. IBGE. **Estatística de Gênero: uma análise dos resultados de censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

CASAGRANDE, Lindamir Salet; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e. **Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 825-850, set. 2016.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Mulheres no mercado de trabalho: grandes números**. In: Banco de dados sobre o trabalho das mulheres - trabalho feminino: séries históricas, 2007.

GOMES, Romeu. **A Dimensão Simbólica da Violência de Gênero: uma discussão introdutória**. Athenea Digital, 14, 237-243, 2008.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, set./ dez. 2007.

IPEA. **Trabalho para o mercado e trabalho para casa: persistentes desigualdades de gênero**. Comunicados do Ipea, n.149. Brasília: Ipea, 2012.

KERGOAT, Daniele. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009

LEÃO, DANIEL. **Masculinidades e feminilidades: representações sociais de gênero de jovens do curso técnico de Hospedagem – CEFET-MG**. 2017.99 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica– Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais). CEFET-MG, Belo Horizonte.

LIMA, Betina S. **O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na física**. *Estudos feministas*, 21(3): 496, setembro/dez. 2013.

LOMBADI, Maria Rosa. **Perseverança e resistência: a Engenharia como profissão feminina**. 2005. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2005.

LOPES, SABRINA. **Relações de gênero e sexismo na educação profissional e tecnológica: as escolhas das alunas dos cursos técnicos do Cefet-MG**. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais). CEFET-MG, Belo Horizonte.

QUIRINO, Raquel. **Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-conceituais em uma perspectiva marxista/Sexual division of work, gender, gender relations and social relations of sex: conceptual..** Trabalho & Educação, v. 24, n. 2, p. 229-246, 2016.

QUIRINO, Raquel. **Mineração também é lugar de mulher! Desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cad. Pagu 2001, n.16, p. 115-136.

TABAK, Fanny. **Apesar dos avanços: obstáculos ainda persistem**. Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, n°33, p. 88-101, jan/jun. 2015.